ARLEQUIM

REVISTA DE ACTUALIDADES

15 MARÇO 1928

PREÇO 1$500

Nº 13

Reis Junior

Saponaceo Radium

O ASSEIO DO LAR

ARLEQUIM

REVISTA DE ACTUALIDADES

Publica-se ás quintas-feiras, em São Paulo

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Libero Badaró, 28, 3.o andar, sala 14

CAIXA POSTAL 3323

PHONE 2 1.0.2.4

EXPEDIENTE
ASSIGNATURAS
Por anno 40$000
Por semestre 22$000
Numero avulso 1$500
GERENTE
Horacio K. de Andrade

DIRECTORES
Sud Mennucci
Mauricio Goulart
Americo R. Netto
ILLUSTRADOR
J. G. Villin

COLLABORADORES

ALBA DE MELLO (SORCIÈRE), MARIA JOSÉ FERNANDES, MARILÚ, MURILLA TORRES, ELSIE PINHEIRO, AMADEU AMARAL, VICENTE ANCONA, RICARDO DE FIGUEIREDO, A. DE QUEIROZ, RAUL BOPP, GUILHERME DE ALMEIDA, NARBAL FONTES, MURILLO ARAUJO, REIS JUNIOR, SILVEIRA BUENO, FRANCISCO PATTI, J. RAMOS, HONORIO DE SYLOS, EDMUNDO BARRETO, RUBENS DO AMARAL, PERCIVAL DE OLIVEIRA, FELIX QUEIROZ, MELLO AYRES, AMERICO BRUSCHINI, THALES DE ANDRADE, CORRÊA JUNIOR, BRENNO PINHEIRO, CLEOMENES CAMPOS, AFFONSO SCHMIDT, GALVÃO CERQUINHO, PEDROSO D'HORTA, MERCADO JUNIOR, MARIO L. CASTRO, MARCELLINO RITTER, ANTONIO CONSTANTINO, THEOPHILO BARBOSA, JOSÉ PAULO DA CAMARA, LÉO VAZ, ETC.

"Memento homo" Cinzas. Tédio...

Ironia da vida que põe uma quarta-feira de cinzas, depois do Carnaval. Depois do Carnaval, que é loucura, embriaguez, atordôo, ansia barulhenta de vasar em tres dias toda a alegria recalcada e sopitada pela convenção, pelos preconceitos.

E' sempre assim: para o prazer ephemero de tres dias, uma quaresma tristonha de arrependimento e saudade!

Porque é sempre doído, depois desse gostoso parenthesis de alegria, o despertar para a monotonia incolor da mesmice quotodiana, o ajustar de novo a mascara ao rosto, o curvar-se ante as obrigações aborrecidas e, por vezes, absurdas que a sociedade impõe.

Cinzas... Cinzas no ar, no céu e, sobretudo, no coração da gente que tem raiva de o Carnaval ser tão curto e passar tão depressa, sem pensar que é esse, decerto, o seu maior encanto. "The brightest still the fleetest", como o disse Moore — o suave poeta inglez.

Tédio. Máu-humor "Splen" Essa coisa aborrecida que a gente sente sem achar uma palavra que a exprima sufficientemente bem.

Quaresma.

Contricção.

Tristeza.

— Puro convencionalismo, afinal! Como se fosse possivel determinar tempo e hora para o prazer ou o desgosto, bastando tão sómente para isso haver numeros vermelhos na folhinha, cheiro de ether no ar, poeira multicor de confeti no chão ou cinzas na testa, jejuns ou abstinencias..

CINZAS

MARIA CLARA

O primeiro concurso de ARLEQUIM

O Cupido moderno devia ser representado empunhando uma caneta. Todo namorado, por menos amigo das musas que seja, perpreta por ahi a sua literaturazinha ás occultas. Verdade é que nunca se fizeram cartas de amor tão insipidas, como actualmente. Não há mesmo fugir deste dilemma: ou o namorado de hoje não ama, ou ama e é incapaz de transmittir o que sente. José Enrique Rodó, o estylista maravilhoso dos **Motivos de Proteo,** *escreveu certa vez: "Cuantas cartas marchitas e ignoradas merecerian exhumar-se del arca de las reliquias de amor!" Não nos parece tenha lá muita razão o arguto pensador de* **Ariel.** *Como porém temos a sua palavra na mais alta conta, abrimos um concurso, para premiar o autor ou autora da mais bella carta de amor que nos for enviada. E' necessario que a mesma venha sob pseudonymo. O nome do autor virá dentro de um enveloppe fechado, tendo no sobrescripto o pseudonymo adoptado.*

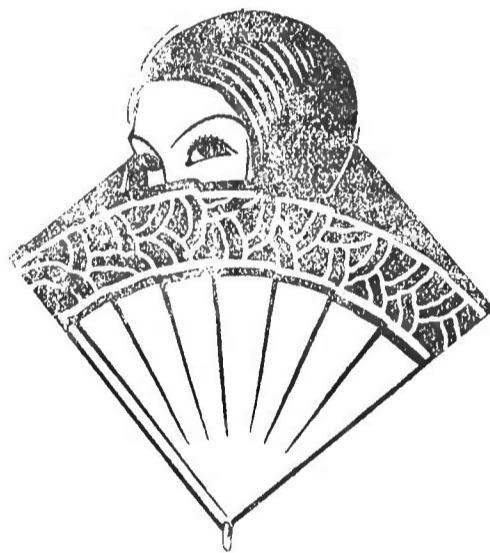
Valerio.

Não posso, não posso.. E' superior ás minhas forças. Que angustia esta de ser a gente impotente comsigo mesma! Ha duas horas que me deixaste, e eu no mesmo logar ainda, entre estas quatro paredes roseas. O roseo faz mal á intensidade do meu soffrer, neste ambiente perfumado a Caron, na desordem exquisita das almofadas e bibelots, onde me deixaste, amigo. Acabo de passar momentos terriveis de luta: luta renhida, entre o bom senso, a coragem previdente de renunciar e o grande amôr, o amôr infinito, o amôr sem limites que é o meu, que é o teu, que é o nosso amôr.

Num arranco decisivo de sacrificio, tomei da penna para dizer-te que não venhas mais, que não te amo, que nunca te amei, que tudo fôra uma farça, que não voltes mais, que não voltes nunca, nunca...

Mas é impossivel, meu amôr. Não posso, é superior ás minhas forças, ao meu coração, á minha alma, a tudo. Eu quizera poder extinguir, matar dentro do peito este ardôr de querer-te, de amar-te. De amar-te tão sincera e exclusivamente até nas tuas imperfeições e nos teus grandes defeitos, porque ainda com elles eu te acho o melhor dentre os bons, porque tu és o que amo, e chego a idolátrar em ti até as coisas pequenas, pobremente banaes. Perdôa a minha fraqueza, perdôa o meu grande amôr! Eu propria tenho medo de mim.

E' preciso que eu te renuncie. Porque? perguntarás. Pela simples razão de não querer e nem dever ser eu a fiandeira da minha infelicidade, a fiandeira daquella amargura e daquelle tormento doloroso dos que amaram com ardor e desmedidamente.

Amôr... amôr! Indifferença. Tedio, emfim! Como tenho medo deste tedio final. Parece-me tão terrivel.. Não, não posso, não quero amar-te. Sempre cri que nunca conheceria o amôr. Se elle viesse, porém, queria-o differente dos outros. E, para meu castigo, o meu é tão banal quanto os vulgares.

Mas que importa? E' "o meu" amôr! E' meu, eu o creei. E' a minha propria alma, é a minha vida! E agora... que fazer? Dizer-te que não venhas mais? Mas, meu unico bem, isso não pode ser: eu viveria morrendo dia a dia, lentamente.. Dizer-te que venhas? E o tédio? e esse epilogo infallivel da minha historia de amôr, da nossa linda historia de paixão? Isso me amedronta, meu amôr!

De um lado a Renuncia com a sua cohorte de consolações pequenas e de amarguras grandes... do outro lado o amôr — tu — tu que já és metade de minh'alma e do meu coração. Definho nesta luta!

A Renuncia vencerá, meu amigo. O terror daquelle tédio me domina. Renunciarei... Despedaçarei minh'alma numa agonia lenta, mas ficará a lembrança confortadora de que nunca a Indifferença attenuou a ardencia de querermo-nos bem. de amarmo-nos muito! Nossa historia, meu amigo, será differente das outras historias: será o consolo do meu coração.

Adeus, farei por esquecer-te. Vou esquecer-te porque te amo de mais. Faze o mesmo, se puderes.

NEREIDA

Cartas de João d'Ether

III

por PEDROSO D'HORTA

Meu caro amigo:

Choveu, hontem, o dia todo.

Chuva fina, fria e melancolica que encheu meu sitio de regatos e minha alma de saudades.

As arvores, molhadas, balançavam a monotonia das folhas verdes, de um lado para outro, surradas pela chuva e pelo vento. Achei-as tristes.

De uma tristeza vulgar de chôro brasileiro, todo indolencia voluptuosa e sentimentalidade ôca.

Creio, meu amigo, que a musica é o melhor thermometro da sensibilidade de um povo. E, por isso, a nossa, ou é o corcôvo lubrico do maxixe, ou o soluço tolo das valsas apaixonadas.

Dizia-te que a chuva era melancolica e as arvores tristes. o que não é bem uma verdade. A natureza não tem estados d'alma. E' um preconceito amavel o dessas paisagens que choram com os herôes de romance, que têm hymnos de amôr e scenarios de odio. A tristeza era minha. Minha e de Calchas, o cachorro feio e cynico que o acaso e os amores vagabundos da senhora mãe delle me deram por companheiro de exilio.

Eu accendia longos cigarros de palha e, vendo a chuva cahir, rolava com preguiça, pelo cerebro entorpecido, saudades confusas. Calchas, molhado e sujo, passeiava pelos quartos vasios um tédio infinito, cheio de bocejos rumorosos e mordidas de pulga. Olhei-o apiedado... sentindo-me superior. Afóra a quéda do rabo de meus antepassados — em tempos longinquos — determinante divina da superioridade physica da especie, apanagio glorioso da superioridade intellectual, Calchas ainda me era inferior em relação á memoria. Calchas não sonhava o que tinha vivido! Para elle não tem sentido o "meminisse juvat" do poeta latino. Sua memoria é um armazem de bôas e más recordações, nunca uma amphora delicada de saudades doces e indefiniveis... Conscio de minha superioridade. fui afagal-o. E, como levantasse a mão, Calchas fugiu, atirando-me um olhar de espanto e de interrogação. Olhar que perguntava: — "Que fiz eu, bipede omnipotente"?!... Calchas é pragmatista e só distingue as cousas bôas, das más, pelas consequencias. Como nada tivesse feito não me comprehendia; não comprehendendo, temia! Mal interpretadas as minhas carinhosas intenções fui ao terraço, espiar a estrada, irritado com a demora de Anastacia.

Nós esperavamos a minha santa cozinheira que fôra a Campinas buscar a correspondencia e. mantimentos. E talvez esperassemos tristes porque tinhamos fome. O meu amigo, que é moço fino e artista, ficará aborrecido com o fundo prosaico de nossa tristeza, mas nol-o perdoará. Anastacia fez-se esperar como a felicidade e, como a felicidade, foi prenhe de desenganos e desillusões. Trazia a correspondencia enlameada, enlameadas as vestes, trazia muito alcool no cerebro, varios espirros no nariz e não trazia os mantimentos. Perdera-os, affirmava. Bebera-os, rectifiquei — de mim para mim. Para ella sorri desconsolado, que lhe tenho amôr e respeito. Anastacia farejou no meu sorriso uma duvida que não existia e poz-se a chorar lagrimas doridas. Dei-lhe conselhos, o que valeu um redobramento de lagrimas sob o pretexto injusto de que era mal-querida por todos. Adjudicou a esta varias considerações dolorosas sobre os homens e a vida. Tudo numa linguagem tosca, tropega e sincera. Falou meia hora e esqueceu os pezares pois acabou provando a incapacidade cerebral de um Senhor Antonio que só vende pinga de Sorocaba quando a do O' é melhor. Provou e cahiu; não no chão, mas na rêde, para onde a arrastei adormecida. Anastacia dorme sem arte, roncando como um vulcão em ameaços de actividade. Não lhe critico o habito; não leu Wilde e ignora que a arte possa corrigir a natureza. Antes essa ignorancia me encanta e me prende, pois a cultura, na mulher, me atemoriza e afugenta. Principalmente nas mulheres que devem viver comnosco. O lar é uma especie de cesto de roupa suja das nossas constituições moraes. Nelle, nós deixamos a salsugem da intelligencia e do humor. Para os amigos a finura de nosso espirito; para as amantes, as maravilhas de nossa prodigalidade; para os subordinados o brilho de um ca-

racter nobre; para os superiores, o prodigio das dedicações desinteressadas! E, para nossa mulher, o cansaço de todas as attitudes, a irritação de todas as contrariedades!

E' triste, meu amigo, mas é natural. Somos machinas inuteis, que, como as outras, necessitam torneiras de escapamento. E essa valvula está sempre no lar por razões que lhe darei depois. Por isso veto a convivencia das mulheres intelligentes. Para esponja d'esses derramamentos antes um ser feio e estupido que bello e subtil. Antes dois olhos vermelhos de indignação, asperos e duros, que dois olhos finos e mordazes a analysarem os ridiculos das nossas coleras pequenas, infundadas e naturaes.

Antes um cerebro confuso e mavortico, que um cerebro culto e frio, a medir com ironia as nossas incoherencias e tolices. Aquella discute e exalta-se; esta, constata e sorri. Para aquella seremos monstruosos, illogicos, demoniacos, admiraveis por fim! Para esta, homens... tout cour!

Não, meu amigo, nada de mulheres intelligentes; bemditas as Anastacias, bebadas e burras!

João d'Ether

P. S. — A minha Anastacia é apenas um symbolo. Ella já attingiu a idade canonica, é preta, suja e nossas relações são de patrão timido para empregada vaidosa.

Poema do homem abandonado

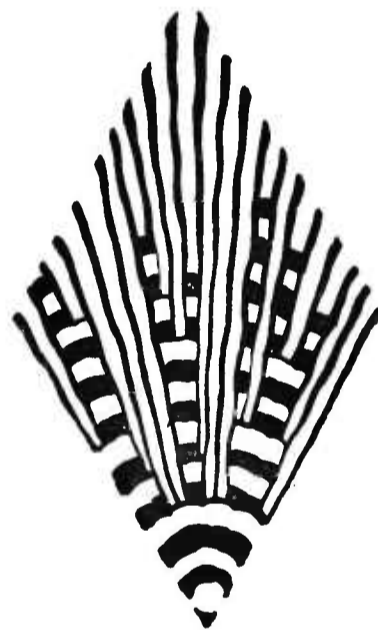
Uma garoa
Fina e boa,
Cae levemente no caminho...
Cae de mansinho
E cae atôa..
— Oh! como é bom ter-se um carinho!

E sem destino
Eu vou andando.
Pelos caminhos, sem ter destino,
Vou caminhando...
Andando atôa
Nesta garoa,
Pelo caminho
Sempre lembrando
O teu carinho! O teu carinho!

Umas choupanas
De quando em vez
Surgem-me á frente..
Lembram-me a nossa,
E vou lembrando
eternamente
Tua malvadez! Tua malvadez!

Tu te esqueceste do nosso amor!
Tu te esqueceste das noites frias
Em que eu tomava na minha mão
As tuas mãos lindas e frias,
E te apertava no coração!

Tu te esqueceste que muita vez
Eu te beijei soffregamente!
Tu te esqueceste que a minha vida
Foi que nutriu a tua vida!
Tu te esqueceste da embriaguez
Daquelle amor soffrego e ardente!

Mas a garoa
Vae augmentando.
Que frio faz,
nesta garoa!...
E eu caminhando,
sempre lembrando...

— Porque deixaste tu de ser boa?

Si áquelle amor tu preferiste
Essa alegria torpe e mundana.
Si nem te lembras mais da choupana
Onde tu foste só minha, um dia!
E si hoje vives nessa alegria
Torpe e mundana!

Maldicta sejas pela agonia
Em que hoje vivo na minha vida,
Sempre lembrando,
Lembrando sempre
E eternamente,
E vendo sempre
Na minha frente
A tua sombra na minha unida!.

LUIZ VICTOR

ARIEAVIM
PUBLICAÇÃO SEMANAL EM S. PAULO

DIRECTORES
SUD MENNUCCI
MAURICIO GOULART
AMERICO R. NETTO

ANNO I — 15 DE MARÇO DE 1928 — N. 13

ARRANHA-CÉU

.. E o homem dos olhos tristes e introspectivos ia falando:

"Andar após andar, eu fui descendo o arranha-céu.

E cada pavimento que eu baixava, era mais uma distancia a me separar do ultimo, lá em cima Lá em cima... Era tão bom lá em cima!

Eu via tudo do alto, eu via a Vida se arrastando cá por baixo, pequenina, pequenina, tão minuscula, que parecia um brinquedo de creança, sobre o chão de asphalto.

De a enxergar tão longe e pequena, eu suppunha que a Vida não tinha alma, que era uma coisa qualquer, magnifica e estupida e bôa, como todas as coisas...

Nunca lhe occorreu pensar que os recem-nascidos não têm alma?

Os grandes julgam assim os pequenos e fracos...

Andar após andar, eu fui descendo o arranha-céu.

Um dia, cheguei em baixo.

E eu vi que a Vida era grande e que eu, perto della, era pequeno, pequeno. E eu vi que a Vida tinha alma, vi como era a alma da Vida...

E tive medo.

Então, eu quiz voltar lá para cima novamente, e olhar a Vida, de longe, pequenina, outra vez.

Como custei a achar o arranha-céu de onde descera!

Dei com elle, afinal.

Quiz subir, e não pude. Estropeadas e perras, as minhas pernas tolhidas me impediam a escalada.

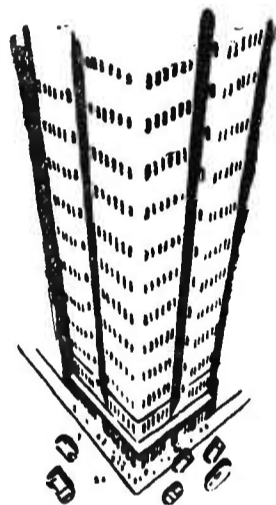
Depois. eu sou isto: uma pessôa que vive anciando por tornar-se coisa.

De vez em quando, lanço os olhos lá para cima, para o ultimo andar do arranha-céu. E aquelle ultimo andar, visto daqui, é mesquinho, tão apoucado que parece um brinquedo de creança sobre a mesa dos pavimentos menos elevados...

Dê-me um cigarro."

E o homem dos olhos tristes e introspectivos parou de falar. Fiquei a pensar que era louco.

Dei-lhe cigarro.

Dei-lhe phosphoro.

Tirou uma baforada. Olhou o azulado da fumaça que se ia elevando, elevando. Depois, baixou os olhos para a cinza...

Sem se despedir, como quem tivesse estado a falar sózinho, o homem dos olhos tristes e introspectivos seguiu pela noite, curvado, sugando o cigarro, olhando a fumaça, olhando a cinza, tartamudeando, desolado:

"Felizes dos que nunca desceram... Ah! o meu rheumatismo.

este meu rheumatismo..."

Mercado Junior

N. do A. — O arranha-céu não tinha elevador.

MASCARA DE COLOMBINA

L'amour c'est le bonheur qu'on donne mutuellement.

GEORGE SAND.

Dôce Manon.

Porque occultar mais? Para que tantos mysterios? Por que, emfim, fugir do amor? E' inutil luctar... Manon, não vê que a amo, que a adoro, apaixonadamente? Você chora, Manon? Perdôe, querida de minh'alma, que não é minha a culpa, senão sua, da sua maravilhosa belleza, da luz celestial dos seus olhos.

Ah! Manon, doce Manon, haverá, acaso, mulher mais interessantemente bella e de insuperavel idealidade? Perdôe, bem-amada, se não tive a coragem de occultar o meu amôr... Tenho-a illudido sempre, porque ainda não ousei confessar-lhe quanto, na realidade, a amo. Sim, amo-a, Manon, com o que ha de melhor em mim... e vêl-a, sem confessar-lh'o, já era uma deslealdade minha.

Juro, querida, que antes procurei illudir-me como os que amam... imagens apagadas... recordações antigas.. E essa evidencia, contra a qual o meu atormentado espirito luctou ha varios dias, inutilmente, impoz-se, agora, com todo o arrebatamento dos sentimentos longamente soffreados. Ah! Manon, não sou mais do que um homem, um homem que a ama com todo o seu coração, com todas as suas forças, com todo o seu sêr.. Não a pude vêr sem adoral-a sem desejar afastar de sua vida tudo que pudesse acaso molestal-a. Bem vê, Manon... era já o amor! Salval-a de perigos que a espreitam, talvez, tornal-a feliz a despeito de tudo, uma felicidade cheia e forte, cuja revelação a iniciará na verdadeira vida. E' para mim de necessidade tel-a constantemente ao meu lado, não perdendo um só momento de sua existencia abandonada ao meu amôr.

Ah! como deve ser bom, ser feliz! Manon... Manon... porque não teremos nós a felicidade?

Oh! querida de minh'alma, porque não ouve as ternas palavras de amor que meus labios destilam nos seus ouvidos? Quero-a, Manon.. Desça o seu olhar no fundo dos meus olhos amorosos e verá, querida, se elles mentem.

Tenho-a amado desde sempre, Manon, quando ainda eramos dois tristes desconhecidos.

Foi numa tarde de Maio... Um céo azul... Nesse dia nós nos encontrámos, e... eu vi em Manon o supremo ideal de toda a minha vida.

E assim, querida, cresceu dentro de mim, na ansia dolorosa do meu desejo, a vontade immensa do amor... Depois... foi, quando naquelle dia a vi cobrir de petalas de rosas aquelle ditoso poeta que a fez chorar enternecidamente!.. Que thesouro de sensibilidade occulta a sua alma, dôce Manon? Como me maravilharam os olhos aquellas flôres!.. De que maneira fizeram vibrar a alma dum forte!... e eu chorei, Manon, por não poder beber as suas lagrimas e levar para dentro de minh'alma a sua alma de amante.

Manon, não sei o que receia, nem de quem se tenha de guardar; só sei que deve pensar que sou um cavalheiro, e que a adoro com paixão, e que a amo como louco. Venha, Manon do meu coração, os meus braços a esperam... Venha, que todo eu a quero!

DES GRIEUX

PHELIPPE GASTON

Saudade

e ébrios
nós dois,
ébrios de amôr,
semeámos,
tu, no canteiro dos meus,
e eu,
no canteiro vermelho dos teus labios
a saudade da nossa embriaguez.

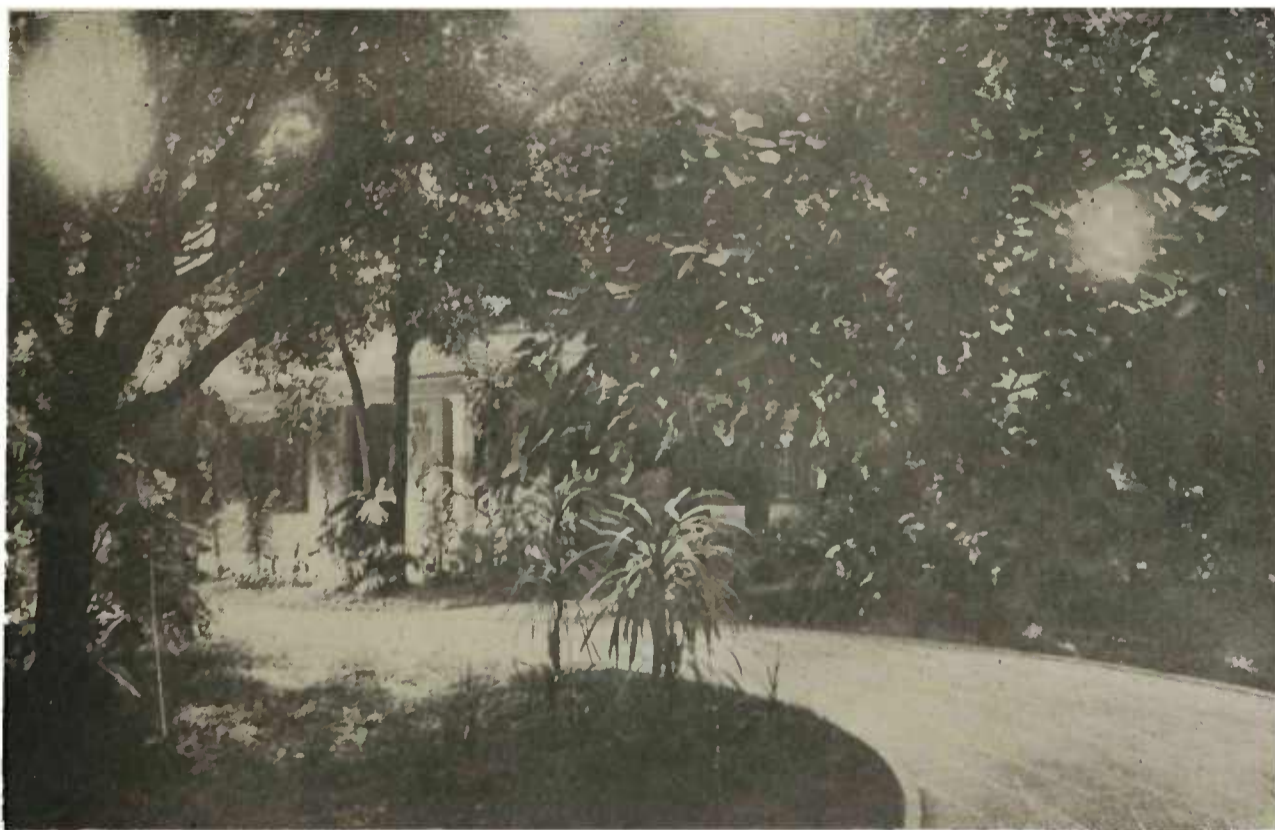
José Maria Sampaio.

ARTE MODERNA

"Amicus Plato, sed magis amica veritas..." Aristotéles, mais uma vez, nos tem como discipulos, nesse ponto. Possivelmente, nos terá, tambem, noutras questões de maior latitude...

Epicteto, o philosopho escravo, cuja moral muito admiramos e a qual desejamos até adoptar, diz-nos que a humildade e as attenções particulares com que tratamos as pessoas gradas é o preço com que lhes compramos as requestadas amizades.

Verdadeira na sua generalidade, soffre, entretanto, desmentido pelo trato da sra. d. Olivia Guedes Penteado, a asserção do antigo pensador stoico. Não sabemos de outras pessoas presentes, passados ou futuras, que tal tambem já tenham conseguido ou que tal ainda venham a conseguir. Sabemos apenas, e é o quanto nos basta, que a sra. d. Olivia já o conseguiu: Não consente que as nossas gentilezas, as nossas amabilidades appareçam como o preço do interesse que ella gasta com as nossas pobres criaturas. Ao contrario — honra-as com a reciprocidade, tornando-as, destarte, num real prazer nosso, sinceramente espontaneas.

Assim foi que ella nos recebeu á sombra voluptuosa do jardim de sua residencia, que é uma mistura gostosa da ordenação civilizada e dos desdordamentos da exuberancia tropical... trazendo em sua mão aristocratica, e minando-a com aristocraticas caricias, a sua guisalhante Maria-Annita, o seu verde-amarello periquito escorregado de óbidos e que se alimenta de perolas, por desfastio...

Num tanque de cimento muito bem feitinho, uma circumferencia impeccavel, um repuxo fincado no centro espirra o som da frescura sob os olhos compridos de estranhos e nostalgicos Manguarís, scismando em suicidar-se de saudades do Amazonas...

Em meio essa fauna e essa flora disparatadas, d. Olivia Guedes Penteado construiu a sua Galeria de Arte, d. Olivia teve de sua imaginação, que por toda ella se esparramou.

Moveis hieraticos, perfilados em negro por Dominique, ostentam a traição do conforto. Almofadas fôfas, talvez perfidamente fôfas, macias, engolem-nos o corpo ante os reflexos misticamente luxuriosos da Cabeça de Negro, de Brancousi, e a religiosidade ascendente da Ascenção de Brecheret.

a ousadia intelligente de plantar pela primeira vez, no solo brasileiro, a discutida flôr da Arte Moderna.

Por entre o verde intenso e acolhedor, duas rythmicas, porém exoticas, personagens de Segall assignalam a entrada da morada da Arte Moderna no Brasil, morada que elle animisou com a bizarria slava

E pilherias de Picasso, e cerebralismos de Leger, e construcções de Tarcilla, e preoccupações de Reis Junior... perpassam aos nossos olhos extasiados ante a linha empolgante do Cavallo de Brecheret, marcialmente collocado sobre o fogão de inverno solarengo...

"Arlequim", deslumbrada, rogou umas photographias e mais a licença de reproduzil-as.

— Com prazer. "Arlequim" vem preenchendo uma lacuna de que se resentia uma cidade como São Paulo. Agora, isto que fiz, é muito pouco... Entretanto, minha Galeria, tem sido qualificada de tinturaria...

E, com um sorriso bom de ironia piedosa, offereceu-nos um "Porto" de antiga e nobre estirpe...

Zita — filha do grande Coelho Netto com o qual esteve em S. Paulo. Isso já faz tanto tempo! Zita disse, então, versos para S. Paulo ouvir E S Paulo vive desde ahi a perguntar quando Zita voltará

Senhorita Maria de Lourdes Godinho Santos, da alta sociedade carioca. Maria de Lourdes fantasiou-se de cereja e deixou que a objectiva de "Arlequim" apanhasse o seu lindo sorriso. Lindo só? Não, muito mais. Com elle Maria de Lourdes foi premiada no "Concurso de sorrisos", feito pelo "O Paiz" do Rio de Janeiro.

Depois da missa

O mais bonito sorriso que foi á missa...

Porque não sorrir? Seria tão melhor...

Para quem olhará a que vem mais atraz?

... Antes só...

No Centro Academico "XI de Agosto" da Faculdade de Direito.

PIEGUICE, por Colombina

Você estranha, talvez, que eu não tenha indagado
Que nome você tem,
Como si um coração apaixonado,
Só para querer bem
Precisasse indagar como se chama
O sol que o illumina
E que o aquece com a sua chamma.
Demais... qualquer historia nos ensina
Que para ser feliz
Um nome pouco diz.
E ha outras cousas bem mais importantes:
Para mim, por exemplo, o que interessa
E' a côr da sua tez. os seus olhos radiantes,
Do seu lindo sorriso a brejeirice,
Que tanta cousa linda já me disse ..
(Assim como quem faz uma promessa!)
Demais a mais, si o seu nome eu não sei,
Um outro já lhe dei.
Oh, não fique zangado!. . E' o meu delicto,
Confesso... Mas, o nome não é feio.
(E' até muito bonito!)
Tambem foi o primeiro que me veio
A' mente. Mas você fica zangado
Com esse baptisado?
Mesmo si eu lhe contar que o seu padrinho
Nessa solemnidade
No templo da illusão.
Foi o meu coração,
De parceria com dona Saudade?
Senhor vigario foi o meu carinho,
Dona Esperança fez de sacristão.
E desde então, sempre esse nome eu digo
(No silencio da noite ou no esplendor do dia!)
Sonhando com você ou quando me entristece
A sua ausencia que é o meu castigo.

. . . .

E agora diga, o que adiantaria
Que o seu nome eu soubesse?
Pois seja elle qual for..
Para mim o seu nome é. "meu amôr"!

Ainda a festa do Centenario da primeira aula da Faculdade de Direito de São Paulo.

"Tout passe"... e o Carnaval tambem passou! "Tout casse"... e quebrou-se a magia alegre do triduo de Momo. "Tout lasse"... eis o que Arlequim contesta com a eloquencia sincera da sua mocidade. E isto porque não se cansa de admirar a graça d'essa linda rainha de Sabá que foi a Senhorita Maria Cerqueira Cesar!

INSTANTANEOS

Nasceu numa cidade do Interior Paulista,
Como qualquer de nós — é muito natural!
Mas entretanto teve a sorte nunca vista
Da vida vitalicia, ao ficar "immortal"

— Prosador — litterato e poeta — jornalista —
Apollo o baptizou na Castalia ideal!
Alcançou na poesia a mais bella conquista
Com poemas e canções de artista sem rival!

Espumas fez surgir na Fonte da Poesia!
O seu verso é macio, encanta e delicia
Pela forma sem par do seu cantar divino!

"Não seria eu, por certo, um mortal tão singelo,
Si eu pudesse engastar dos poetas o mais bello
Na pobreza pagã de um verso alexandrino!"

Effe-de-Quê

Os pontos de vista do dr. Josias

CHARADA — Quando uma mulher casada diz — "O homem é isto ou aquillo. —, tu, leitor intelligente, corrige logo: — "Meu marido é isto ou aquillo..."

*

* *

"LIBERTE' LIBERTE' CHERIE" — E' uma prisão, sem duvida. Todas as opiniões, todos os preconceitos, todos os pontos de vista systematicos são cadeias. Aliás, a tendencia humana é justamente para supprimir a espontaneidade e a graça primesautiére pelo cerceamento da liberdade do espirito. Amamos a escravidão sobre todas as cousas. A escravidão dos habitos: primeiro os corporaes que submettem o organismo ás regras aprendidas e que lhe fixam uma pauta de conducta sem as quaes elle não pode agir e que, porisso mesmo, o aprisionam dentro de um circulo de que não sabe mais se libertar. Depois, os mentaes. As idéas assentes, as opiniões firmadas, os pontos de vista indestructiveis são as barreiras com que fechamos o nosso espirito como dentro de uma jaula. Bem que nos é permittido espiar, atravez dos varões de ferro, o que acontece fóra, mas preferimos voluntariamente o pequeno ambito em que nos encerramos. E' commodo e evita o aborrecimento de sair de casa.

Ao passo que si nós pudessemos abrir a jaula e viessemos dar uns passeios cá por fóra, a ver as jaulas dos outros. que barrigada de riso haviamos de dar dos outros e de nós mesmos.

E' o que fazem os humoristas, para os quaes o mundo é um circo com uma infinidade de gaiolas cheias de presos voluntarios.

*

* *

FRASE FEITA — Eu nunca encontrei no cypreste se não a tristeza dos outros.

*

* *

O PRAZER DE ENGANAR-SE — Eu não quero o amor furioso, cheio de todos os arroubos e arrebatamentos dos sentidos. Muito menos me encanta o amor puro, platonico e celestial, que se transforma em veneração. O amor puro, especialmente, continua a ser para mim um privilegio de mediocres.

O intelligente não ama. Acha o amor ridiculo e escarnece-o. Quando cáe, esconde-o, e, si o confessa, dá-lhe o nome de paixão. Paixão quer dizer delirio, desequilibrio, desvario, decadencia momentanea do espirito.

Aos dois, prefiro esse querer calmo e manso, cujo maior prazer consiste em descobrir, no fundo das pupillas de nossa amante, os leves arrebiques de uma ironia que se não traduz: "être, au même temps, le dûpe, en se dupant soi-même e l'autre".

SYMBOLOS — A cariatide é o symbolo mais perfeito da Gloria. Mero elemento decorativo da obra, parece, entretanto, que sustenta todo o edificio. A literatura brasileira..

— Mas para que vou eu mexer em cousas dolorosas?

*

* *

A EXPANSÃO DA JOGATINA — Os modernos insurgem-se contra os tolos que, nesta época, ainda se ficam a adorar os antigos, gente essa de desagradavel companhia. E invectivam aquelles que, imitando o passado, fazem arte como podem. Entendem, decerto, que quem inventou a Arte foi o sr. Coelho Netto ou o sr. Luiz Murat.

Mas, que é arte? Arte é jogo, sempre o foi. Ha de ter, porisso, suas regras certas, fixadas de antemão. O homem, á medida que o tempo avança e se vae o globo tornando cada vez mais valetudinario, modifica um ou outro dispositivo. Mas, a regra subsiste, que é sua essencia e sua razão de ser e sem o que o jogo é impossivel e acabaria virando brutalidade de creança.

Ora, estava convencionado que os afficcionados jogassem o voltarete, o "bridge", o xadrez ou mesmo o "pocker".

Outros vieram, que preferiram o "truque", o "estrada de ferro" ou o "sete e meio". E' um direito que ninguem discute, com a condição de não discutir o dos outros.

A' vontade, cavalheiros. Si o "truque" ainda é muito alto, podem servir-se da "vermelhinha". Exige ainda menos cartas, bem que exija papalvos e agilidade.

Mas de papalvos está o mundo cheio. e a agilidade é uma questão de treino.

*

* *

NO ESTILO DE BERNARDES — Geralmente, na vida, leva-se mais em conta o que, por desgraça se paga, do que aquillo que, de graça, se recebe.

*

* *

A LEI DA EQUIVALENCIA — No mundo crentes e incréos se equivalem. Uns têm o medo da morte, os outros o pavor da vida.

Está conforme.

SUD MENNUCCI

o chefe

Estás completamente enganado, meu amigo. Aquelle que ali vae é uma das figuras mais curiosas desta cidade. Sob aquellas roupas sovadas, sob aquelle chapéu quase roto, esconde-se uma tempera de aço. Detrás daquelles oculos embaçados, luz um vivo olhar. Aquelles cabellos desmazelados occultam uma larga testa e uma intelligencia vivaz.

Pobre? Não tanto como parece. E' sua aquella grande officina que viste ha pouco. Nella trabalha sempre, sempre, augmentando-a dia a dia. Quer morrer, como nasceu, dentro da symphonia dos malhos e bigornas, dos tornos e polias. E é uma das bôas fortunas que viçam por estas bandas.

Não é um avarento, não. O mendigo jamais volta de sua casa com as mãos vasias. Tem sempre reservado o nickel, ou o pão, o prato de comida, para os que pedem. Procura mesmo os que têm fome, para mitigal-a. Mas não gosta que digam que é bom, que é generoso; dá, mas dá escondido.

Não se applica á sua casa o velho dictado; não imaginas o conforto que ha lá dentro daquelle casarão de tintas esmaecidas!

Elle esconde tudo o que possue, até a cultura. Todos o têm por um simples operario, que nada mais sabe além do seu officio. Entretanto, todas as tardes, ao voltar da fabrica, e ao retirar do corpo as roupas cheias de pó, immerge na bibliotheca, que é um verdadeiro mundo.

Os filhos querem-n'o com amor desmedido. A esposa tambem. Elle os ama da mesma forma.

Queria que o visses lá dentro de casa. Ficarias absorto. Aquelle ar frio de indifferença cáe ao primeiro contacto com o lar.

Porque faz elle isso? perguntas-me. Seria muito difficil explicar-te. E' assim desde menino, e ninguem sabe por que. Mas vamos vêr se me lembro.

Fomos amigos desde antes da primeira escola, sabes? Oh! como foi terrivel, aquelle menino! Não havia escaramuça, não havia molecagem, não havia assalto a chacaras, em que não estivesse elle mettido. Foi sempre o chefe da molecada do meu bairro. E ai do que o desobedecesse!

Era o terror dos donos de chacaras e fruteiras e dos que tinham casas com vidraças. Os assaltos, era elle quem os planejava; elle, quem distribuia nos seus postos os fedelhos; elle, quem dividia os frutos da investida; elle, quem arcava com as responsabilidades da marotteira.

Sua fama foi crescendo, crescendo, á medida que iam augmentando os cabellos brancos do pae.

Foi expulso do primeiro grupo escolar em que o metteram. Matricularam-n'o então na escola isolada, com recommendações ao mestre para que o emendasse. Ali entrou já como chefe da classe: deante de sua fama, tremenda, a criançada o recebeu a um tempo alegre e receiosa. O mestre dispensou-lhe a consideração que merecia.

Data dahi a transformação. Aquella fronte sempre altiva, aquelle olhar sempre vivo, aquelle riso sempre franco, aquelle peito sempre á mostra, foram perdendo a altivez, o brilho, a franqueza. A's primeiras investidas do mestre, reagiu. Mas foi depois se encolhendo, como o tigre que percebe a inutilidade do ataque. O mestre — como o domador — dominou-o, ou pensou que o fez.

Já ninguem lhe descobria os planos de assalto ás chacaras; já ninguem o sabia chefe: sumia-se, desapparecia, escondia-se.

Covarde? Nunca. A' primeira escaramuça no seu bando, á menor revolta entre os moleques, á primeira briga, vinha elle novamente á tona: ao olhar embaçado voltava o antigo brilho, o peito sumido se revigorava, a fronte se elevava dominadora: o chefe.

E assim continuou a ser. Chefe, hontem, de seu bando de moleques; chefe, hoje, da cidade inteira. Aqui é elle quem dicta leis, quem manda, quem ordena: mas sempre mansamente, e quase nunca sem a Razão. Mas quando inimigos desconhecidos procuram embargar-lhe os passos, cáe aquella pelle de carneiro que o envolve: surde o leão, surde o chefe, transfigurado, imponente, invencivel.

Elle esconde o que é.

Descobriu que é assim que se vence.

M. RITTER

OMNIA VINCIT AMOR

O que tem de ser tem muita fôrça

Seja ou não o caminho extenso! O tempo róde
Ou não! Rebrilhe ou não o orvalho matutino!
Eu querendo e querendo tu quem é que póde
Sustar a nossa marcha? A marcha do destino?

Esteja ou não distante! A tempestade enlóde
Ou não a estrada! Esteja ou não o sol a pino!
Si Deus, si Deus quizer, quem é, quem é que póde?
Si é suprema esta fé? Si este amor é divino?

E' tão lindo teu modo! E' tão forte meu braço,
Que nem mesmo o tufão, que nem mesmo a descrença,
Cortarão nosso andar! Conterão nosso passo!

E sendo a nossa marcha a nossa propria vida,
A nossa propria gloria, a nossa propria crença,
Suspendel-a quem ha-de? Oh! Quem há-de querida?

Victorino Prata Castello Branco

A NOVA MOEDA NACIONAL

Não é da praxe nem do feitio das revistas literarias, como a nossa, tratar de questões de finanças. Abordando, porisso, o problema da nova moeda nacional, socegue o leitor que não o vamos empalhar, mettendo o bedelho em assumpto de que não entendemos.

Do "cruzeiro" padrão monetario que tem para nós, pelo menos, a vantagem de acabar com a absurda divisão millesimal de nosso mil réis, interessa-nos, mais que outra qualquer cousa, o aspecto esthetico de que o vão revestir.

Como bons brasileiros, teriamos a naturalissima vaidade de que elle fosse, antes que tudo, uma linda moeda. Dahi o darmos acolhida, em nossas paginas, ao maravilhoso projecto que Pasquale Fosca, o velho sempre moço artista italiano forjou para o recentissimo cruzeiro.

Fosca, illustre esculptor cuja obra documenta o grau de perfeição a que chegou a nossa época. em varios museus de differentes paizes da Europa, apresenta-nos um medalhão digno de sua envergadura artistica e de que "Arlequim" já publicou innumeros testemunhos: **Nossa Senhora**, da Egreja de Santa Cecilia; o **São Francisco**, no hymno ao mano Sol; o busto de s. exa. o arcebispo de São Paulo; a **Piedade**, do monumento do general Caviglia; a **Cabeça de velho**, do museu "Petit Palais" de Paris, alem de outros.

No genero medalha, comtudo, Fosca é um creador, como o podem attestar todos aquelles que lhe conhecem o baixo relevo de Olavo Bilac, que é um mimo de factura, e como o podem verificar os nossos leitores no medalhão de hoje.

E' uma quadriga romana em cujo carro vae a Republica Brasileira, tendo na mão esquerda o escudo com as armas do paiz e apontando com a direita o sol nascente, symbolo da irrefreavel expansão nacional.

A quadriga não está em disparada, mas em marcha, o que respeita a primeira parte do lemma de nossa bandeira, que é a ordem, a indicar que o desenvolvimento da nação se faz com serenidade e confiança. Não temos pressa nem padecemos da vertigem da velocidade. Nessa questão de velocidade, a indole de nosso povo se inclina a pensar que quem chega primeiro, chega cansado e sem nada ter visto de bom pelo caminho. O tempo não lhe bastou para cuidar da marcha.

A medalha é, no seu conjunto, de uma assombrosa belleza. O estudo technico de cada uma das partes componentes do quadro, revela, nas suas minucias, as notaveis qualidades de analyse do executor e a sua rara consciencia na disposição dos effeitos. O cavallo da direita, por exemplo, collocado de viez no circulo, tem, medido a regua, o peito da mesma largura que o resto do corpo. Mas só attenta para o facto o espectador advertido e, tal é a illusão de optica, que só acredita nisso depois de medir as duas distancias.

As cabeças dos tres animaes são magnificas de expressão e sente-se na marcha imponente dos cavallos a solennidade majestosa que o esculptor lhe quiz imprimir, sem sahir da noção de absoluta verdade e sinceridade que a sua arte exige e comporta.

Pasquale Fosca revive, na sua medalha, o "verismo" de Phidias e offerece ao Brasil a opportunidade de possuir como moeda de uso corrente uma legitima obra prima.

Temos quasi a certeza de que o Governo Federal não deixará de tomar na devida consideração o offerecimento e tratará de levar ao terreno das realizações o projecto do grande esculptor italiano que vem demonstrando, por uma serie de actos positivos, a sympathia que nutre pelo nosso paiz e principalmente pelo nosso povo.

ELEGANCIAS FEMININAS

— Ha tanta philosophia na funcção do pyjama, no lar, como em "Sartus resartus Verdade é que não nasceu ainda um Carlyle para os pyjamas.

— Blague, meu amigo mau?

— Não, minha amiga, vocês mulheres não sabem ou não amam raciocinar. Tomam todas as coisas pelo aspecto exterior. Dahi a grande infelicidade e a grande inferioridade de vocês na quadrilha da Vida.

— Provas, quero provas.

— Não são precisas. Você sabe, e bem, que eu tenho razão. Vou escolher, entretanto, uma prova, entre dezenas de milhares. A maioria de vocês quando se casa julga ingenuamente que a conquista do homem está completa. Não é assim?

— E' assim.

— Firme nessa crença, a mulher arruina em pouco tempo a tranquillidade e a harmonia que tornam o lar toleravel.

— Como é que se dá a ruina?

— Primeiro: A mulher se esquece de estudar o caracter e os gostos do marido. O homem que se casa por amor julga existirem na creatura amada todas as qualidades ideaes. Isso é uma imbecilidade atavica da especie humana. As qualidades ideaes sonhadas por nós são sempre as que se revelam por nossos gostos. Esquecendo-se de estudar os homens, a mulher não pode descobrir as suas preferencias. Age, portanto, de maneira differente do "ideal". Elle descobre então que ella não é "a mulher dos seus sonhos".

— E depois?

— Depois começa o tedio. A mulher que elle viu como namorada e noiva, bem calçada, bem vestida, bem penteada, deu lugar a uma senhora que passeia pela casa em "peignoirs" horriveis, os cabellos desleixados e arrastando pantouflas lamentaveis. O marido olha com tristeza aquella decadencia ambulante, e, sonha com a rua e com as outras mulheres. Está morto o amor, está morto o "doce lar". Nasceu o "inferno conjugal".

— Certo. Está bem pintado. Mas ha mulheres que não são desleixadas no vestuario em casa.

— Eu sei disso. São as donas do "doce lar" sabem o segredo de captivar o marido, raciocinam.

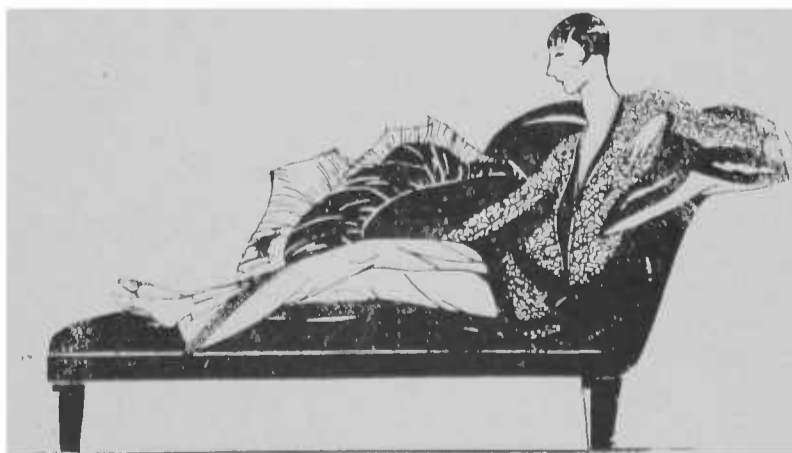
— E a philosophia dos pyjamas?

— As mulheres são sempre bonitas em pyjamas bonitos. E quando ellas são bonitas, não causam tedios e desillusões. Em Chicago, ha tempos, um homem de negocios conseguiu divorciar-se allegando uma coisa bizarra.

— Pode-se saber?

— Sim. Parou diante do juiz e disse. "Senhor, si todas as mulheres usassem o horrivel camisolão de dormir de minha esposa, não haveria um lar feliz em todo o mundo."

As mulheres vestem-se para agradar aos homens. curvo-me portanto diante da opinião do meu amigo mau, e apresento-vos hoje alguns modelos de pyjamas que foram creados para vos tornar ainda mais seductoras.

Os pyjamas modernos tornaram-se, pelo seu luxo, verdadeiras toilettes, verdadeiros mimos. Toda a phantasia é permittida, lamés, as mais custosas sedas, os mais ricos bordados. O pyjama pode ser feito em "trois piéces" assim teremos a calça e a blusa quasi sempre de uma seda lisa e o paletot lamé ou de outro tecido phantasia. Emfim estou certa que mesmo os nossos avós diante do encanto de um lindo pyjama perdoariam a ousadia da nova exigencia da moda.

ELEGANCIAS MASCULINAS

A accentuada e voluntaria simplicidade do vestuario masculino dá importancia dominante ao córte.

E' no apuro da linha que está o grande segredo da elegancia do homem. Faltando-lhe os recursos da multiplicidade de coloridos e a illusão dos adornos de pura utilidade decorativa, elle tem de buscar no talhe a expressão maxima do agrado para os olhos.

Por isto, pois, vale attender aos detalhes assignalados nestas paginas e que são todos relativos á forma da gola, que um elegante já chamou "a alma da roupa".

Illustrações de Léo Junior

Estão sempre em moda os tecidos riscados, desde os fios que tomam um destaque forte no fundo do tecido, até os que são quasi invisiveis. Ha riscas grossas, de tom mais escuro que a cór do panno, ha linhas finas e brilhantes, vemol-as largamente afastadas ou quasi unidas, ás vezes tomando o destaque da seda sobre a lan, de outras occasiões apenas se accusando com um ligeiro encordoado. Mas existem, sempre, e cumpre attender ao modo de arranjal-as na gola.

O systema mais corrente é dispol-as como mostra a figura 1, isto é, a parte trazeira numa só peça, inteiriça, de modo que na frente as riscas do collarinho propriamente dito ficam desencontradas com as das grandes bandas, effeito pouco agradavel, principalmente quando bastante accentuadas e quando as golas são amplas e longas, como agora é moda.

Muito mais distincto, entretanto, é o arranjo que mostra a figura 2, no qual as riscas das bandas encontram-se exactamente com as do collarinho, dando um effeito extraordinariamente agradavel, pois a gola fica mais alongada e corrida. Para tal, porém, cumpre que a parte trazeira seja emendada, ficando as riscas em

Figura 1

Figura 2

VVV, e não verticaes, como no outro systema. O effeito de frente, porém, é muito mais importante que o de costas, mostrado, num e noutro systema, na figura 3.

Ha, ainda, outro ponto a attender no córte da gola. E' o relativo ao entalhe, que não deve ser descahido, isto é, com a abertura do angulo voltada para baixo (fig. 4) e sim um pouco levantado, tendo essa abertura volvida para cima, afim de que a gola não dê um effeito de relaxamento e desconsolo ao paletó. A peça da nuca deve, tambem, ser um pouco encavada e não recta, ajustando-se, assim, a linha de implantação do pescoço. E' o que mostramos na figura 5.

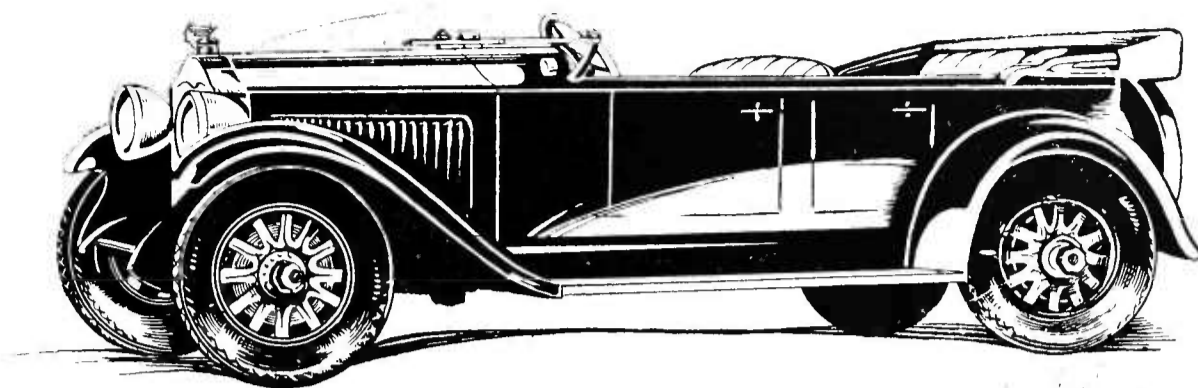
Ainda uma suggestão, para terminar. No jaquetão, peça symetrica por excellencia, as botoeiras para flores devem ser em ambas as bandas da gola. E devem distar do entalhe de 4 a 5 centimetros, pois se ficam muito perto delle causam impressão desastrosa.

MAHITÊ

Figura 4

Figura 5

Figura 3

Lia Jardim, linda artista brasileira, que tomou parte no "film" nacional "Morphina"

BUICK 1928

Carrosserias encantadoras... mais baixas, sem prejudicar, comtudo, nem a altura dos interiores nem a distancia do chassis ao solo, nem o tamanho das rodas... radiador de linhas esguias, esbeltas... emfim, estylo belleza que só encontram simile nos carros especiaes.

Almofadas dos assentos tão commodas como as mais commodas poltronas... amortecedores hydraulicos dianteiros e trazeiros, tornando suave a marcha em qualquer estrada... interiores que rivalisam com os mais modernos salões em accommodação e riqueza de revestimento.

Força para galgar qualquer elevação... força para vencer os caminhos mais accidentados... força para manter a mesma velocidade horas após horas... mercê dos melhoramentos introduzidos no famoso motor Buick de valvulas na tampa, incrivelmente silencioso.

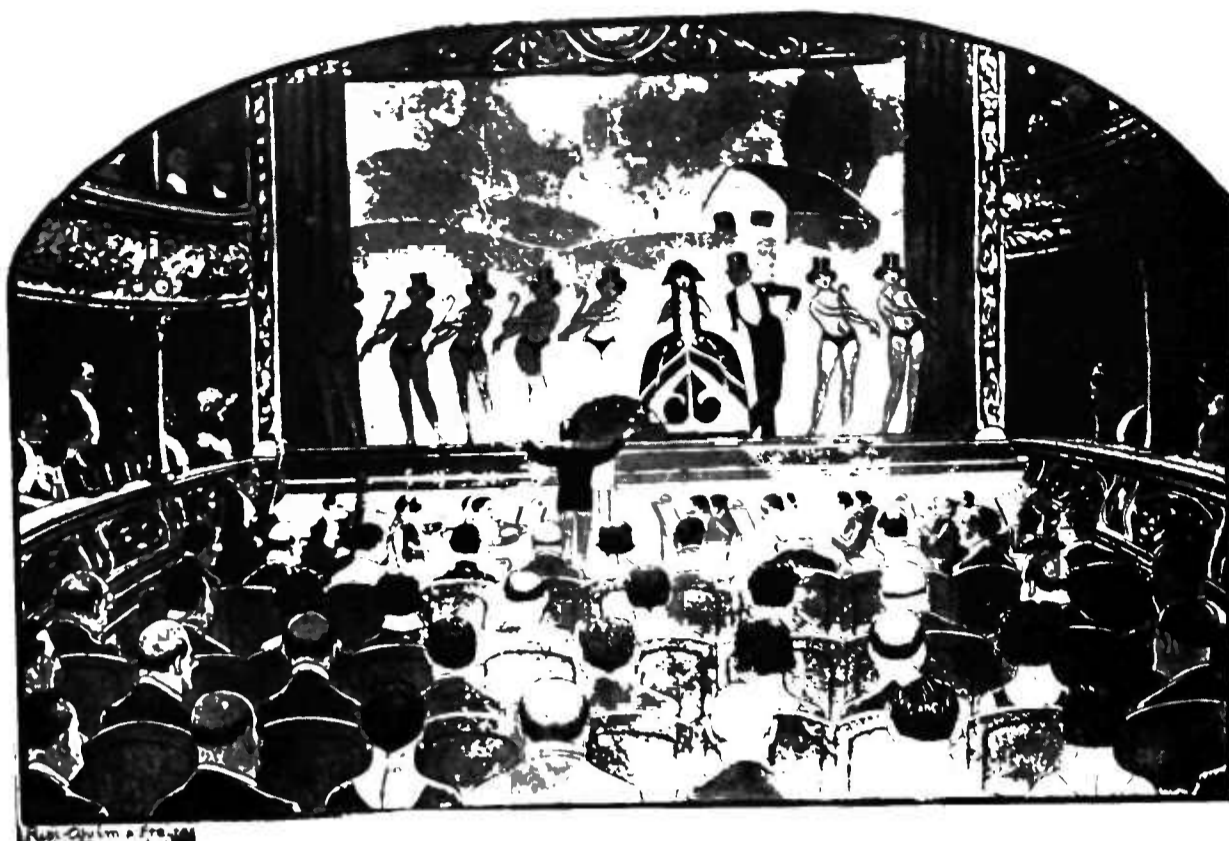
Côres que sómente se pódem comparar aos matizes do arco-iris... combinações admiraveis de pintura Duco... interiores condizendo harmoniosamente com os tons exteriores, segundo as tendencias da arte decorativa moderna... forro, lados, assentos, almofadas, tudo formando um conjunto magnifico.

Acceleração rapida impetuosa como a de uma flexa ao deixar arco... á mudança do signal, em qualquer esquina, accelera e zarpa velozmente... e, quando na estrada, sua acceleração e fluente como do voo dos passaros.

Ao passar em qualquer avenida, voltam-se todos para admirar o Buick 1928... porque elle é dotado de uma qualidade rara... porque elle encerra esse "que" de personalidade inconfundivel... esse indefinivel caracteristico que se chama Elegancia.

AGENTES AUTORIZADOS NAS PRINCIPAES CIDADES DO PAIZ

GENERAL MOTORS OF BRAZIL, S. A.

CHEVROLET · PONTIAC · OLDSMOBILE · OAKLAND BUICK · VAUXHALL LASALLE CADILLAC CAMINHÕES GMC

Num Theatro 60 % são Calvos!

PORQUE NÃO COMBATER DESDE JA' O MAL ?

Quando V. S. fôr a um theatro observe que 60 % dos espectadores são calvos.

A calvicie, em geral, provém do mau trato e desleixo de muitos, para com o cabello. E tudo quanto é mal tratado, caminha a passos largos para a degeneração.

O cabello é atacado constantemente por innumeras molestias, que precisam ser combatidas, sob penna, de alastrarem-se por todo o couro cabelludo, exterminando-o por completo.

As caspas são um dos maiores inimigos do cabello. Essas caspas que V. S. vê no seu cabello, serão com certeza, a causa da sua futura calvicie.

A Loção Brilhante é absolutamente inoffensiva podendo, portanto ser usada diariamente em qualquer tempo indeterminado, porque sua acção é sempre benefica.

Usando a Loção Brilhante V. S. combate os cabellos brancos e terá a cabeça sempre limpa e fresca. E o cabello forte, lindo e sedoso. Evitará as caspas, a queda do cabello e a calvicie.

A Loção Brilhante não mancha a pelle, nem queima os cabellos, como acontece com alguns remedios que contém nitrato de prata e outros saes nocivos. E' recommendada pelos principaes Institutos Sanitarios do extrangeiro e analysada pelo Departamento de Hygiene do Brasil.

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

NÃO ACCEITEM NADA QUE SE DIGA SER "TÃO BOM" OU "A MESMA COISA"; PODE-SE TER GRAVES PREJUIZOS POR CAUSA DOS SUBSTITUTOS. EXIJAM SEMPRE

UNICOS CESSIONARIOS PARA A AMERICA DO SUL:
ALVIM & FREITAS — R. DO CARMO, 11 — S. PAULO

EUBIOTICA

Não entro nunca num cemiterio
— Jardim marmoreo de Dona Morte —
Ao respirar-se um ar funereo,
O pensamento fica tão serio...
E seriedade... nem por esporte!

Compro a dinheiro, nunca fiado.
Não devo nada para ninguem!
Si de dinheiro fico apertado,
Nem por decreto peço emprestado
Nem que a quantia seja um vintem!

Adoro a musica, que alegra a vida
Com seu sorriso feito de som!
Ella parece que nos convida
Ao devaneio — hora esquecida —
Na qual se pensa que tudo é bom!.

— Ama, apenas, a vida e, por isso, aproveita della tudo o que ella possa dar de bom. —

Esse é meu lemma, meu grande lemma,
Que sempre sigo com devoção!
E vou vivendo num tal systema
E assim resolvo todo o problema
Desta existencia sem solução.

Não penso em nada que me entristeça,
Penso no chiste que me faz bem!
Embóra louco, certo, pareça
Sei que no mundo certa a cabeça
Bem pouca gente, de certo, tem...

Diz o dictado — que de loucura
Todo vivente possue um pouco. —
Muito apoiado! — verdade pura!
Por isso mesmo que a vida escura
Vejo bem clara! — coisa de louco.

Quando me acordo, de manhã cedo,
E para o dia dou meu "bom dia",
O ar mais puro vem do arvoredo,
Em tudo encontro lindo folguedo
E bons motivos para alegria!

Gosto das flôres, dos passarinhos,
Das creancinhas, meigas, formosas!
Adoro os lares, protejo os ninhos,
Numa roseira não vejo espinhos
Vejo somente perfume e rosas!

Não négo a esmola que alguem me pede.
Com todo o mundo tenho paciencia.
Mésso as palavras que ninguem mede
Porque a prudencia, por certo, impede
O arrepender-se duma imprudencia...

Não me intrometto na vida alheia
Que é leviandade das leviandades!
— Sei do dictado que patenteia:
"Quem nesta vida ventos semeia
Terá colheita de tempestades"...

Faço um versinho de vez em quando,
Verso singelo, sem romantismo;
E vou rimando, sempre rimando
Emquanto as horas me vão passando
Sem que eu perceba. tanto que scismo!

Quem é poeta, "vive de brisa"
E de suspiros. de inspiração!.
Assim de almoço não se precisa,
O vintem ganho se economisa
Sem ter o risco de indigestão.

Em todo o verso que assim escrevo
Jamais emprego rimas de amor.
Amor é coisa que não descrevo,
Nem fallar nelle mesmo me atrevo!
— E' perigoso! desperta a dôr!...

Gosto do flirt-leviandade
Que nada tem do verbo "amar"
— Linda morena! veiu á Cidade
Deu-me um sorriso, só por maldade
Mais passageiro do que um olhar.

Assim é o "flirt" — esporte mudo —
Que torna a vida bem menos vã.
"Ella" se illude tal qual me illudo,
Tróca de olhares que dizem tudo
Que a gente esquece logo amanhã.

O que rimando, no verso eu disse?
Bem vê, leitora! não é verdade
Quer ser feliz? — Alacridade!
Respire o ar da F'licidade
Como si acaso elle existisse!.

DR. FELIX

Maria Paula B. e Monteiro.

Com o seu sorriso calido e o seu talento tropical, conseguiu brilhar notavelmente na cidade Luz, ali declamando os nossos poetas, e grandes mestres da poesia franceza.

De tal sorte se houve nossa distincta conterranea, que a notavel dictriz sra. Andrée de Chauveron — que tem um dos cursos mais frequentados de Pariz e do qual foi Maria Paula das frequentadoras que mais se fizeram applaudir — lhe dirigiu a seguinte carta á sua partida para o Brasil:

"A Crta. Maria Paula B. e Monteiro foi minha alumna em Paris.

Em vista de suas grandes qualidades naturaes, o estudo que ella fez commigo foi-lhe dos mais proveitosos.

Possuidora de viva intelligencia, comprehende os textos e os interpreta com emoção e no seu rythmo.

A sua voz é harmoniosa e quente e de toda a sua pessoa se expande um infinito encanto.

Os progressos que ella realizou-se, fazem-n'a uma perfeita "diseuse" e uma verdadeira artista."

Com taes credenciaes é que volta a elegante declamadora, a exhibir-se ao publico de S. Paulo, num recital que começará ás 21 horas de 19 de Abril, no Salão do Conservatorio, com um programma fragorosamente seductor.

A Cura positiva da pyorrhéa e tartaro dentario

Encontra-se o Esmaltodont em dois typos: HORTELÃ e BAUNILHA, *sendo este o indicado no tratamento das affecções buccaes.*

Amostra gratis, queirá remetter este coupon juntamente com um sello de Rs. $300, aos concessionarios.

Nome

Rua

Cidade

CINERAMA

Os deuses foram muito pouco amaveis creando, no mesmo planeta, homens e pernilongos. Eis o que me occorria, resignadamente, domingo ultimo, na mátinée do Republica, quando um desses animaesinhos, com deploravel insistencia, me beliscava a perna, entre o sapato e as calças.

O integro sr. Conselheiro Accacio, ha tempos rehabilitado pelo bondoso apostolo dos corinthians, Paulo de São Paulo, diria, em commentario ao meu pensamento: "A natura é toda imperfeições"!... Eu não digo isso, nem nada, que a admiro em tudo, inclusive na philosophia do Conselheiro.

Contesto, apenas, a amabilidade dos deuses, para o que tenho razões fortes e... particulares.

A orchestra nos impingia um desses tangos gelatinosos, sem época e sem nervos, que nos contam tragedias de todo mundo. Musica triste, irritante, e ridicula como as lamurias de um apaixonado.

Levantando a cabeça, para acompanhar o vôo do meu pernilongo que então mudara o ponto de ataque, dei com o immenso tecto branco do Republica sobre a cabeça de todos nós.

O leitor, com certeza, ainda não olhou para o tecto de um cinema, durante a projecção; se não o fez — faça. Tem-se, pelo menos, uma impressão de unidade, distincta do ser collectivo que vive e soffre com as peripecias do écran.

Assentando-se o pernilongo, com arrojo e estupidez inauditas, no meio de minha testa, atirei-lhe um tapa, fragoroso e certeiro, que o achatou de vez. Tive remorsos, então, como sóe acontecer em taes occasiões e lamentei não ter ficado no Sant'Anna, que sou de natural pacifico e me horrorisam as carnificinas.

E foi esta delicadeza de sensibilidade que me fazendo recordar o outro cinema motivou esta chronica. Em ultima analyse devo-a ao pobre pernilongo — martyr obscuro da literatura.

O Republica e o Sant'Anna repartem-se... fraternalmente a elite de São Paulo. Para o primeiro correm os cidadãos cuja idade oscilla entre 5 e 14 annos e mais os que já ultrapassaram os 24. Esta regra nada tem de absoluto; sempre ha uma centena, ou duas, de pessôas que a contrariam. O ambiente, entretanto, é formado de accordo com o principio que enunciei. No Republica quasi ninguem "procura" lugares; no Sant'Anna todos os têm marcados. No Republica ha gritos; no Sant'Anna — sussurros. E quer o acaso, que muita gente teima em considerar um deus, que no Sant'Anna se alternem, pelas cadeiras, sêres de sexo diverso.

Nos intervallos variam naturalmente as exclamações.

No Republica: — Oh! Oh!...

No Sant'Anna: — Olha! Olha!...

E os dialogos, inspirados pelo ambiente, têm o sabor das cousas contrarias.

No Republicas — "Você viu o socco que elle deu?" — "Que bicho!"

No Sant'Annas — "Você ainda gosta de mim?" — "Eu passei por sua casa e você não appareceu"

— "Papae vae me dar uma luva de box"...

— "Meu irmão disse que briga com você se você sentar perto de mim"...

E a vida é isso mesmo. O Republica e o Sant'Anna marcam as duas épocas de transição do brasileiro. Ambas encantam porque todos já as vivemos.

No Republica: gritos — alegria — pipocas e Tom Mix.

No Sant'Anna: confidencias — tristezas — marrons e Greta Nissen.

O Republica reconforta a alma da gente; lembra aquelle tempo bom em que a preoccupação maior era um professor ranzinza, o ideal supremo: uma prata de dez tostões.

O Sant'Anna dá saudades agri-doces. A primeira declaração e a primeira insomnia; os primeiros rubores e o primeiro beijo.

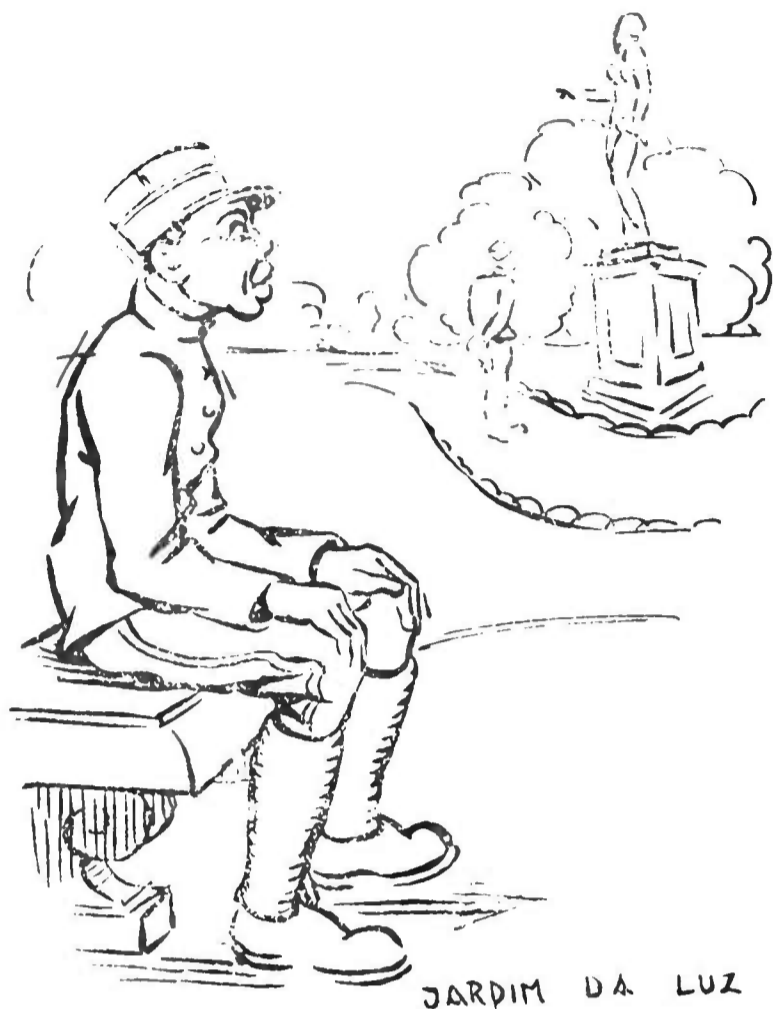
Ah!... o immenso tecto branco do Republica e o meu pernilongo martyr da literatura!

O leitor perdoará esta digressão insonsa mas eu vinha de um cinema e estava no outro. O contraste era forte.

Não costumo correr as matinées de São Paulo, porém no Sant'Anna não tinha encontrado logar...

PEDRO HORTIZ

Typos de rua

Hein, seu praça?! Nem á sombra quiéta "ellas" deixam você desfructar de uma sésta calma!...

Surprehendidos e fixados pelo lapis intelligente e perspicaz de J. G. Villin, em minutos de espreguiçamentos nostalgicos desse moço francez que ora nos regala com seu bello talento.

"Oleos-camphorados" — para a nossa vitalidade racial.

Lá de baixo, da verdura amena, ao saborear sua frugal refeição, você arrepia um olhar de ironia desconsolada para a burguezia que deslisa pelos viaductos orgulhosos.

Meu velho! Como temos saudades suas quando topamos com as terriveis "metralhadoras"!

A' porta, minhas senhoras! não é local adequado ao funccionamento das "tesouras"

EPISTOLA AOS CORYNTHIANS

VI

Vocês devem por qualquer meio fugir àquelles fatidicos 85 o|o que têm sido a nossa vergonha. Fujam, passem para os 15 o|o que completam a nossa sabença. (Eis aqui um caso em que é preferivel acompanhar-se a minoria.) Nesses quinze estamos nós e outros alphabetizados ou "abezados" como teria dito o Arruda, do "Bom Diabo", um homem methodico, trabalhador e portuguez, que fazia a lista dos seus devedores "abedariamente"

Fazendo parte da minoria vocês passarão a ler alguma coisa, como lemos nós, os quinze — alguns como os cavallos de Elberfeld e o resto como os cavallos daqui mesmo. Alem desta vantagem moral e presente, vocês demonstrarão aos posteros que, ao menos nesta época, não faziam parte da "Hyppica" nem da "Protectora"...

Entre as coisas que a modesta confraria dos quinze costuma ler, figuram os jornaes. O jornal, segundo notavel bahiano, é uma publicação ephemera, de assumpto ephemero — uma ephemeride — em toda a restricção da palavra.. Vocês talvez não saibam disso porque só lêem "Esporte" e Automobilismo" tal qual o Arruda que tambem só lia "Fallecimentos" e "Letras protestadas"

Se não fossem esses inevitaveis contratempos, os meus irmãos teriam lido o "Estado" do primeiro dia deste mez, onde se encontra o interessante artigo — A disciplina da caridade" Se vocês soubessem quantas ideias uteis se encontram nesse artigo! Principalmente as que se referem ao clamoroso disperdicio de dinheiro com as corôas mortuarias... "Muita gente que não se dá ao trabalho de acompanhar o defunto até ao cemiterio, fugindo do prestito funebre logo na primeira esquina, despende, entretanto, sommas elevadas com flores e corôas para fazer crêr á familia que toma parte muito sensivel na sua dor... E' uma simples ostentação hypocrita que já não illude a mais ninguem e que só é vantajosa para os negociantes de flores. A familia enlutada não vê as corôas. Só vem a saber dellas mais tarde, pela lista que sáe nos jornaes ou pelas notas que tomam, á medida que as remessas são feitas. "

Pois uma moça de Stockolmo conseguiu desviar para fins de caridade as enormes sommas dispendidas nos enterros. Quando morre alguem, os amigos, em vez de mandarem corôas, mandam esmolas a uma associação de caridade ou interesse social. Essa associação organiza um album com o nome dos subscriptores e depois entrega-o á familia. Será então muito humanitario e salutar á vaidade dizer-se, por exemplo: "A morte de meu pae garantiu, por um anno, a subsistencia dum asylo." Ou então: "Quando morreu o presidente do estado, as esmolas foram tantas que fundou-se com ellas um hospital. Ou ainda: "O album de condolencias da morte do milionario Tal, deu para a creação dum sanatorio anti-tuberculoso!. "

Tudo isto, fóra a incomparavel vantagem de não se cuidar mais daquella gente mortuaria; das fitas negras, das letras douradas, dos preços e dos disticos... Vocês já foram, em vida, a alguma empresa funeraria? Devem ir, é intensamente triste e cara! O serviço de encommenda de corôas é feito por uns dragões amaveis e geitosos; quando o pretendente fica em duvida sobre um dizer de ponta

de fita, o dragão num sorriso gostoso traz um livro, formato protocollo, onde estão annotados os mais variados disticos, referentes a todos os sentimentos, a todos os parentescos, a todas as mentiras e a todas as tolices. Ha de tudo, a lapis preto, a tinta, a lapis de côr; em todos os caracteres; uns por cima dos outros, desalinhados, cada qual o mais estrambotico — "Ultima saudade — de seus filhos"; "Derradeiras lagrimas — de sua idolatrada esposa"; "Primeira homenagem — de seus amigos"; "Triste reconhecimento — de seus sobrinhos"; "Gratidão — de sua querida mãezinha".

Esse compendio de dizeres é obra collectiva e pertence ao acervo funebre das empresas mortuarias. Todos os guarda-livros, serventes lugubres; vendedores macilentos e gatos pingados, collaboram no protocollo. Dahi o espirito vario, a barafunda das linhas, os caracteres e o senso subtil... Dahi o encanto e a superioridade de coisas tão ridiculas, num tempo de tanta gente apurada em cinemas, chás e automovel. Dahi a necessidade de adoptarmos duma vez e com enthusiasmo, as ideias do artigo A disciplina da caridade". A ellas, pois, meus irmãos, com aquelle ardor dum match de empenho. Vão fazendo goals, uns sobre os outros, muitos, para a victoria final sobre as corôas, sobre as pontas de fita e mais sobre os gatos pingados!

Vocês já repararam bem num gato pingado de empresa funeraria? E' um homem opilado, de chapéu de bico, calção, casaca, meias de algodão, cara de dor de dente e gorgeta. . Quando se contempla, de longe, um gato pingado, tem-se a impressão que elle cheira a defunto, mas quando se chega perto, sente-se que elle cheira violentamente a vivo.

PAULO DE S. PAULO